

a associação de todas as alterações radiográficas e ultrassonográficas encontradas na referida paciente sugeriram a ocorrência uma OPH atípica.

50. PROTOCOLO DE CLASSIFICAÇÃO RADIOGRÁFICA DE SESAMOIDITE EM EQUINOS (*EQUUS CABALLUS*) DE VAQUEJADA

Radiographic classification protocol of sesamoiditis in athletic horses (*equu caballus*)

SCHELLIN, P. C.; SOUZA, A. C. F.; GOMES, J. B.; SILVA, R. S.; AMARAL, P. B. C.; LEITE, J. E. B.
E-mail: pri.schellin@hotmail.com

Introdução: A porção distal do aparelho locomotor equino é composta, em sua estrutura óssea, por falanges proximal, média e distal; metacarpo ou metatarso; e ossos sesamoides distal e proximais medial e lateral. O potencial atlético do cavalo é explorado ao máximo em eventos esportivos diversos, como a vaquejada, destacando-se a rotina de treinamento intensa, que pode predispor ao desencadeamento de lesões musculoesqueléticas. Quando o osso sesamóide proximal é acometido por periosteíte e/ou osteíte, e essa alteração está, ou não, associada à mineralização de tendões e ligamentos, estabelece-se a sesamoidite. A sintomatologia clínica mais comum consiste em claudicação crônica e progressiva, e o diagnóstico é realizado com o emprego da radiografia. Este trabalho relata os achados radiográficos de sesamoidite em 15 equinos utilizados rotineiramente em pistas de vaquejadas, e propõe um protocolo de classificação radiográfica para essa afecção. **Relato de caso:** Foram realizadas radiografias de 15 cavalos, adultos, mestiços, por apresentarem claudicação e aumento de volume na região do boleto. A idade desses pacientes estava situada entre seis anos e meio a 11 anos, e na anamnese de todos os animais foi relatada a atividade rotineira em pista de vaquejada. Na realização dos exames, foi utilizado, em média, 75,0Kv/6,0mAs e as projeções adotadas foram látero-medial e dorsopalmar (para membro torácico) ou dorsoplantar (para membro pélvico), com a incidência na região do boleto. As radiografias foram interpretadas e classificadas considerando-se o grau de lesões observadas nos sesamóides. Dos 15 animais radiografados, todos apresentaram confirmação radiográfica de sesamoidite, dos quais seis classificadas como sesamoidite discreta, seis como moderada e três como sesamoidite severa. **Discussão e conclusão:** A inflamação

crônica de sesamóides proximais em equino tem sido relatada com a classificação de sesamoidite severa, com acentuada proliferação óssea irregular, alteração morfológica e aumento de volume de tecidos moles adjacentes. Todavia, também já foi descrita a presença de mineralização de tendão, o que não foi constatado neste trabalho. O relato presente na literatura de que as principais patologias diagnosticadas nas articulações metacarpo e metatarso falangeanas foram sesamoidite e doença articular degenerativa, respectivamente, reforçam os achados apresentados neste trabalho, que confirmam radiograficamente a presença de inflamação sesamóide em 100% dos casos. De fato, os parâmetros que auxiliam a determinação da intensidade das lesões incluem a classificação da sesamoidite em discreta, moderada e grave.

51. RADIODIAGNÓSTICO DE DIVERTÍCULO DO ÚRACO, EXTRACAVITÁRIO E SUBCUTÂNEO, EM CAPRINO (*CAPRA HIRCUS*) DA RAÇA SAANEN, COM O EMPREGO DE UROGRAFIA EXCRETORA

Radiodiagnostic of a subcutaneous and extracavitary urachal diverticulum in a saanen caprine (*capra hircus*) by excretory urography

SCHELLIN, P. C.; LEITE, J. E. B.
E-mail: pri.schellin@hotmail.com

Introdução: O trato urinário dos caprinos é composto por rins, ureteres, vesícula urinária e uretra. Durante a vida fetal, também fazem parte do sistema excretor o úraco, estrutura tubular adjacente aos vasos umbilicais e o alantoide, cavidade que armazena a excreta fetal, o líquido alantoideano. Quando a regressão uracal não ocorre da maneira convencional, podem ocorrer alterações que persistem até a vida adulta do animal, que incluem: o úraco permeável, o cisto uracal, a fístula úraco-umbilical e o divertículo vésico-uracal. A presença do divertículo é assintomática, e passa despercebida durante a vida produtiva do caprino, exceto quando predispõe ao desenvolvimento de cistite. A radiografia convencional não permite o diagnóstico dessa afecção, sendo necessária a realização de urografia excretora. Dessa forma, este trabalho relata o diagnóstico da presença de divertículo uracal em caprino da raça Saanen, efetuado com o emprego da urografia excretora. **Relato de caso:** Um caprino, em fase de crescimento, da raça Saanen, apresentava um aumento de volume na região inguinal, de consistência mole, porém delimitado.

Foram realizadas uma radiografia simples, na projeção látero-lateral e, em seguida, urografia excretora. A técnica selecionada para realização das projeções foi de 60,0KW/5,0mAs. Na radiografia simples observou-se a existência de uma estrutura saculiforme e radiodensa na região inguinal, cranial aos testículos. Aos 30 minutos da administração contraste, a urografia excretora permitiu a visualização dos rins e bexiga urinária, porém aos 60 minutos, foi delimitada uma estrutura saculiforme, extracavitária e subcutânea, com contornos definidos e circunscrita, cranial aos testículos e ventral à bexiga urinária, característica do divertículo do úraco. **Discussão e conclusão:** A presença do divertículo do úraco já foi relatada com diagnóstico macroscópico na necropsia ou durante o intra-operatório de bovinos. Contudo, até o presente esse registro ainda não foi efetuado em caprinos e tampouco com o emprego da urografia excretora. Talvez isso explique a rara ocorrência dessa afecção, pois ela é geralmente assintomática, ou causa sinais clínicos generalistas e o exame radiográfico não é usual em caprinos de produção. A urografia excretora possibilitou o radiodiagnóstico da presença de divertículo do úraco extracavitário e subcutâneo em caprino da raça Saanen.

52. RADIODIAGNÓSTICO E PROTOCOLO DE CLASSIFICAÇÃO DA OSTEÍTE DA TERCEIRA FALANGE, DE ACORDO COM O GRAU DE COMPROMETIMENTO, EM CAVALOS MISTIÇOS, USADOS EM PISTAS DE VAQUEJADA

Radiodiagnóstico and protocol of classification of the osteíte of the third falange, in accordance with the degree of commitment, in crossbreed horses, used in sporting activities

SILVA, R. S.; LEITE, J. E. B.; GOMES, J. B.; SOUZA, A. C. F.; SCHELLIN, P. C.
E-mail: rafa_vet1@hotmail.com

Introdução: A utilização de equinos em atividades esportivas, como a vaquejada, pode ocasionar lesões no aparelho locomotor dos animais, devido à intensa carga de treinamentos e competições a que são submetidos. A claudicação é um dos sinais que pode demonstrar a existência de desordem estrutural ou funcional do membro afetado. Osteíte podal é um termo usado para designar processo inflamatório da 3ª falange, de origem infecciosa ou não, onde podem ser observadas alterações radiográficas

com remodelação da margem solear, visualização de desmineralização da terceira falange e diminuição de densidade óssea. Este trabalho relata os sinais radiográficos da osteíte da 3ª falange em seis cavalos usados rotineiramente em pistas de vaquejadas, e sugere um protocolo de classificação dessa afecção, de acordo com grau de comprometimento observado na estrutura óssea. **Métodos:** Foram realizados exames radiográficos de seis cavalos, adultos, mestiços, por apresentarem graus individuais variados de claudicação, dor na pinça do casco, andar relutante e alternância no apoio dos membros. Foi relatado que os animais participavam rotineiramente de vaquejadas, para a derrubada de bovinos. A técnica utilizada foi de 60,0Kw/4,5mAs e a projeção adotada foi a dorsopalmar (ou dorso-plantar), com a incidência do raio na região do casco. As radiografias obtidas foram interpretadas e classificadas considerando-se o grau de lesão observado nas terceiras falanges da seguinte forma: discreta lise óssea comprometendo 1/3 da 3ª falange; aparente normalidade dos canais soleares; e conformação anatômica mantida. Moderada lise óssea comprometendo 2/3 da 3ª falange; visualização de pequeno alargamento dos canais soleares; e conformação anatômica parcialmente mantida. Severa lise óssea comprometendo 3/3 da 3ª falange; visualização dos canais soleares bastante alargados; e conformação anatômica bastante comprometida. **Resultado e discussão:** Em todos os seis animais examinados radiograficamente foi constatada a presença de alteração da terceira falange, corroborando com a ideia de que a atividade de equinos em vaquejadas pode predispor o estabelecimento de lesões nos membros locomotores. Porém, as lesões observadas nos animais apresentou variação no grau de comprometimento, e formas caracterizadas como: osteíte discreta, por se visualizar radiograficamente lise óssea comprometendo 1/3 da 3ª falange, aparente normalidade dos canais soleares, e conformação anatômica mantida; a osteíte moderada, por se visualizar lise óssea comprometendo 2/3 da 3ª falange, pequeno alargamento dos canais soleares e conformação anatômica parcialmente mantida; e osteíte severa, por se visualizar lise óssea comprometendo 3/3 da 3ª falange, canais soleares bastante alargados, e conformação anatômica bastante comprometida. **Conclusão:** De acordo com as condições de realização deste trabalho, pode-se sugerir que a osteíte da 3ª falange pode acometer cavalos mestiços, usados rotineiramente em pistas de vaquejadas, e que a classificação da osteíte da 3ª falange é importante para